

Prefácio à terceira edição

Muita coisa aconteceu desde que publiquei *Contra o método* (CM, para abreviar) pela primeira vez. Houve dramáticas mudanças políticas, sociais e ecológicas. A liberdade aumentou – mas trouxe fome, insegurança, tensões nacionalistas, guerras e franco assassinato. Os líderes mundiais reuniram-se para tratar da deterioração de nossas fontes de recursos; como é seu hábito, fizeram discursos e assinaram acordos. Os acordos estão longe de ser satisfatórios; alguns são um embuste. Contudo, ao menos verbalmente, o meio ambiente tornou-se uma preocupação mundial. Médicos, agentes de desenvolvimento e sacerdotes trabalhando com os pobres e desvalidos perceberam que essas pessoas sabem mais a respeito de sua condição do que o supunha a crença na excelência universal da ciência ou da religião organizada, e modificaram suas ações e suas ideias de acordo com isso (Teologia da Libertação; proteção ambiental básica etc.). Muitos intelectuais adaptaram o que aprenderam em universidades e escolas especiais de modo que tornasse seu conhecimento mais eficiente e mais humano.

Em um nível mais acadêmico, historiadores (da ciência, da cultura) começaram a abordar o passado nos próprios termos deste. Em 1933, em sua aula inaugural no Collège de France, Lucien Febvre tinha ridicularizado os escritores que, “sentados a suas escrivaninhas, atrás de montanhas de papel, tendo fechado e coberto suas janelas”, emitiam juízos profundos

sobre a vida de proprietários rurais, camponeses e trabalhadores agrícolas. Em um campo estreito, os historiadores da ciência tentaram reconstruir o passado mais distante e o mais imediato sem distorcê-lo com crenças modernas a respeito de verdade (fato) e racionalidade. Os filósofos então concluíram que as várias formas de racionalismo que haviam oferecido seus préstimos não apenas tinham produzido quimeras, mas teriam prejudicado as ciências, caso tivessem sido adotadas como guias. Aqui a obra-prima de Kuhn (1962) desempenhou papel decisivo. Ela levou a ideias novas. Infelizmente, também encorajou um monte de disparates. Os termos principais de Kuhn (“paradigma”, “revolução”, “ciência normal”, “pré-ciência”, “anomalia”, “resolução de quebra-cabeças” etc.) apareceram em várias formas de pseudociência, ao passo que sua abordagem geral confundiu muitos autores: tendo descoberto que a ciência tinha sido libertada dos grilhões de uma lógica e de uma epistemologia dogmáticas, tentaram prendê-la outra vez, desta feita com amarras sociológicas. Essa tendência durou até o início da década de 1970. Por oposição, há agora historiadores e sociólogos que se concentram nos pormenores e admitem generalidades apenas quando são apoiadas por relações sócio-históricas. “A natureza”, diz Bruno Latour (1987, p.4 e 98 ss.), referindo-se à “ciência em desenvolvimento”, é “o resultado de [uma] resolução” de “controvérsias”. Ou, como escrevi na primeira edição de CM:

A criação de uma *coisa* e a criação mais a compreensão plena de uma *ideia correta* da coisa são com muita frequência partes de um e o mesmo processo indivisível e não podem ser separadas sem interromper esse processo.¹

Como exemplos dessa nova abordagem, temos Andrew Pickering, *Constructing Quarks*, Peter Galison, *How Experiments End*, Martin Rudwick, *The Great Devonian Controversy*, Arthur Fine, *The Shaky Game* e outros.² Há estudos das várias tradições (religiosas, estilísticas, de patronagem etc.) que influenciaram cientistas e deram forma à sua pesquisa;³

¹ Cf. Feyerabend, 1975, p.26. Repetido na p.17 desta edição – grifos no original.

² Todos publicados pela Chicago University Press.

³ Exemplo disso é *Galileo Courtier*, de Mario Biagioli, no prelo.

eles mostram a necessidade de um tratamento do conhecimento científico que seja mais complexo do que aquele que emergira do positivismo e de filosofias similares. De forma geral, temos os trabalhos mais antigos de Michal Polanyi e, então, Putnam, Van Fraassen, Cartwright, Marcello Pera⁴ e, sim, Imre Lakatos, que era otimista o suficiente para acreditar que a própria história – uma dama que ele tomava muito a sério – apresentava regras simples de avaliação de teorias.

Na sociologia, a atenção aos detalhes levou a uma situação em que o problema não é mais por que e como a “ciência” muda, mas como se mantém unida. Os filósofos, em especial os filósofos da biologia, suspeitavam havia já algum tempo que não há apenas uma entidade chamada “ciência”, com princípios claramente definidos, mas que a ciência compreende grande variedade de abordagens (em alto nível teóricas, fenomenológicas, experimentais) e que mesmo uma ciência particular como a física não passa de uma coleção dispersa de assuntos (elasticidade, hidrodinâmica, reologia, termodinâmica etc.), cada um deles contendo tendências contrárias (exemplos: Prandtl versus Helmholtz, Kelvin, Lamb e Rayleigh; Truesdell versus Prandtl; Birkhoff versus “o senso comum físico”; Kinsman exemplificando todas as tendências – na hidrodinâmica). Para alguns autores, isso não é só um fato, mas é também desejável (Dupré, 1983). Aqui tive novamente uma pequena contribuição a dar, nos Capítulos 3, 4 e 11 de CM,⁵ na seção 6 de minha contribuição para o volume *Criticism and the Growth of Knowledge* de Lakatos e Musgrave (1965) (crítica da uniformidade de paradigmas em Kuhn) e, em 1962, em minha contribuição aos *Delaware Studies for the Philosophy of Science* (Feyerabend, 1963).

A unidade desaparece ainda mais quando prestamos atenção não apenas em rupturas no nível teórico, mas na experimentação e, especialmente, na moderna ciência de laboratório. Como Ian Hacking mostrou em seu ensaio pioneiro, *Representing and Intervening* (1983), e como emerge de *Science as Practice and Culture*, de Pickering (1992), termos como “experimentação” e “observação” abrangem complexos processos contendo muitos elementos. “Fatos” surgem de negociações entre grupos

⁴ *Science and Rhetoric*, no prelo.

⁵ Da presente edição. Reproduzidos, sem emendas, da primeira edição.

diferentes, e o produto final – o relatório publicado – é influenciado por eventos físicos, processadores de dados, soluções conciliatórias, exaustão, falta de dinheiro, orgulho nacional e assim por diante. Alguns microestudos sobre a ciência de laboratório parecem-se com o “novo jornalismo” de Jimmy Breslin, Guy Talese, Tom Wolfe e outros; os pesquisadores não mais se reclinam em sua cadeira e leem os artigos em determinado campo, e também não se dão por satisfeitos com visitas silenciosas aos laboratórios – eles entram no laboratório, entabulam conversa com os cientistas e fazem acontecer coisas (Kuhn e seus colaboradores deram início a esse gênero de procedimento em suas entrevistas para a história da mecânica quântica). De qualquer maneira, estamos bem longe da velha ideia (platoniana) de ciência como um sistema de enunciados desenvolvendo-se por meio de experimentação e observação e mantido em ordem por padrões racionais duradouros.

CM ainda é, em parte, orientado a propostas; contudo, também tive meus momentos de lucidez. Minha discussão da incomensurabilidade, por exemplo, não “reduz a diferença a uma diferença de teoria”, como escreve Pickering (1992, p.10). Ela inclui formas de arte, percepções (grande parte do Capítulo 16 é a respeito da transição da arte geométrica e da poesia gregas ao período clássico) e estágios de desenvolvimento infantil, e assevera

que os pontos de vista de cientistas, especialmente seus pontos de vista a respeito de assuntos básicos, são com frequência tão diferentes uns dos outros como o são as ideologias de diferentes culturas. (CM, primeira edição, p.274)

• A propósito disso, examinei os aspectos práticos da lógica, isto é, o modo pelo qual ideias são relacionadas umas às outras na pesquisa em andamento, em vez de nos produtos acabados (se é que tais produtos existem). Minha discussão dos muitos eventos que constituem o que está sendo observado⁶ e, especialmente, minha discussão das descobertas de Galileu feitas com o auxílio do telescópio⁷ estão de acordo com os requisitos da nova sociologia de laboratório, exceto que o “laboratório” de Galileu,

⁶ Ibidem, p.149 ss. Reimpresso nesta edição.

⁷ Capítulos 8 a 10 desta edição.

em comparação, era bastante pequeno. Incidentalmente esse caso mostra que, como as mais antigas filosofias da ciência, a nova microsociologia não é uma explicação universal, mas uma descrição de aspectos conspícuos de um período especial. Não importa. Uma descrição universal da ciência, de qualquer modo, pode no máximo fornecer uma lista de eventos.⁸ Era diferente na Antiguidade.

Está claro que a nova situação requer uma nova filosofia e, acima de tudo, novos termos. Contudo, alguns dos principais pesquisadores na área ainda estão se perguntando se um exemplo particular de pesquisa produz uma “descoberta” ou uma “invenção”, ou até que ponto um resultado (temporário) é “objetivo”. O problema surgiu na mecânica quântica, mas é também um problema para a ciência clássica. Devemos continuar usando termos antiquados para descrever *insights* novos, ou não seria melhor começar a usar uma nova linguagem? E não seriam poetas e jornalistas de grande auxílio para encontrar tal linguagem?

Em segundo lugar, a nova situação também levanta a questão de “ciência” *versus* democracia. Para mim, essa era a questão mais importante. “Minha principal razão para escrever o livro”, afirmo na “Introdução à edição chinesa”,⁹ “foi humanitária, não intelectual. Eu queria dar apoio às pessoas, e não ‘fazer avançar o conhecimento’”. Ora, se a ciência não é mais uma unidade, se partes diferentes dela procedem de maneiras radicalmente diferentes e se as conexões entre essas maneiras são ligadas a episódios particulares de pesquisa, então os projetos científicos têm de ser considerados individualmente. Isso é o que as agências governamentais começaram a fazer há algum tempo. No final da década de 1960,

a ideia de uma política científica abrangente foi gradualmente abandonada. Percebeu-se que a ciência não era um empreendimento, mas muitos, e que não podia haver uma política única para dar sustentação a todos eles. (Ben-David, 1991, p.525)

⁸ Cf. nossa contribuição ao Erasmus Symposium de 1992, “Has the Scientific View of the World a Special Status Compared With Other Views?”, no prelo.

⁹ Contida nesta edição.

Agências governamentais não mais financiam a “ciência”, financiam projetos particulares. Mas então a palavra “científico” não pode mais excluir projetos “não científicos” – temos de examinar o assunto em detalhe. Estarão os novos filósofos e sociólogos preparados para considerar tal consequência de sua pesquisa?

Houve muitas outras mudanças. Pesquisadores e tecnólogos médicos não apenas inventaram instrumentos úteis (como aqueles empregando os princípios de fibra óptica que, em muitos contextos, substituem os métodos mais perigosos de diagnóstico por meio de raios X), mas se tornaram mais receptivos a ideias novas (ou mais velhas). Há apenas vinte anos, a ideia de que a mente afeta o bem-estar físico, embora apoiada pela experiência, era bastante impopular – atualmente é predominante. Processos por erros de tratamento fizeram que os médicos ficassem mais cuidadosos, por vezes cuidadosos demais para o bem do paciente, mas também os forçaram a consultar opiniões alternativas. (Na Suíça, uma pluralidade beligerante de pontos de vista quase faz parte da cultura – e eu a utilizei ao organizar confrontações públicas entre cientistas cabeçudos e pensadores “alternativos”.¹⁰) Contudo, aqui, como em outros lugares, as filosofias simples, quer de uma espécie dogmática, quer de uma mais liberal, têm seus limites. *Não há soluções gerais.* Uma liberalidade maior na definição de “fato” pode ter repercussões graves (cf. Huber, 1991), ao passo que faz excelente sentido a ideia de que a verdade é escondida e mesmo pervertida pelos processos cuja intenção é estabelecê-la.¹¹ Portanto, advirto mais uma vez o leitor de que não tenho a intenção de substituir princípios “velhos e dogmáticos” por outros “novos e mais libertários”. Por exemplo, não sou nem populista, para quem um apelo “ao povo” é a base de todo o conhecimento, nem relativista, para quem não há “verdades como tais”, mas apenas verdades para este ou aquele grupo e/ou indivíduo. Tudo o que digo é que os não especialistas frequentemente sabem mais do que os especialistas *e deveriam, portanto, ser consultados*, e que profetas da verdade (incluindo os que empregam argumentos) em geral são impelidos por uma

¹⁰ Cf. a série editada por Christian Thomas e por este autor, publicada pela Verlag der Fachvereine, Zurique, 1983-87.

¹¹ Para um relato ficcional, cf. Wolfe, 1987.

visão que conflita com os próprios eventos que, supõe-se, essa visão estaria explorando. Existe ampla evidência para ambas as partes dessa asserção.

Um caso que já mencionei é o desenvolvimento: profissionais lidando com os componentes ecológicos, sociais e médicos da assistência para o desenvolvimento perceberam, entretantes, que a imposição de procedimentos “racionais” ou “científicos”, embora ocasionalmente benéfica (supressão de alguns parasitas e doenças infecciosas), pode levar a sérios problemas materiais e espirituais. Eles não abandonaram, no entanto, o que aprenderam na universidade, mas combinaram esse conhecimento com crenças e costumes locais e estabeleceram, assim, um elo bastante necessário com os problemas da vida que nos cercam por toda a parte, no Primeiro, no Segundo e no Terceiro Mundos.

A presente edição contém mudanças de maior vulto (o Capítulo 19 e parte do Capítulo 16 foram reescritos, o antigo Capítulo 20 foi omitido), acréscimos (um parágrafo aqui, outro ali), mudanças estilísticas (espero que sejam mudanças para melhor) e tanto correções quanto acréscimos nas referências bibliográficas. No que me diz respeito, as ideias principais deste ensaio (isto é, as ideias expressas em itálico na “Introdução à edição chinesa”) são bastante triviais e parecem triviais quando expressas em termos adequados. Prefiro formulações mais paradoxais, contudo, pois nada embota a mente tão completamente como ouvir palavras e *slogans* familiares. É um dos méritos do desconstrucionismo ter solapado os lugares-comuns filosóficos e, assim, ter feito algumas pessoas pensarem. Infelizmente, afetou apenas um pequeno círculo de iniciados e afetou-os de maneiras que nem sempre estão claras, nem mesmo para eles. É por isso que prefiro Nestroy, que era um excelente, popular e engraçado *deconstructeur*, ao passo que Derrida, apesar de todas as suas boas intenções, não consegue nem mesmo contar uma história.

Roma, julho de 1992